

# FILHOS DE MARABÁ-PA: A MEMÓRIA ESPACIAL URBANA<sup>1</sup>

*CHILDREN OF MARABÁ-PA: a urban spatial memory*

*HIJOS DE MARABÁ-PA: la memoria espacial urbana*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as espacialidades no núcleo urbano da Marabá Pioneira, localizado na cidade de Marabá-PA, ao sudeste desse estado, destacando elementos que remetem à "memória urbana" da cidade e utilizando a abordagem geográfico-histórica para entender as transformações espaciais ao longo do tempo em Marabá-PA. Essa abordagem é empregada para compreender as interações entre eventos históricos e a configuração do espaço geográfico da cidade. Os procedimentos adotados como parte da estrutura metodológica incluem levantamento, análise e discussão bibliográfica, trabalhos de campo, entrevistas semiestruturadas, análises comparativas de fotografias em acervos públicos e o mapeamento de objetos espaciais no núcleo Marabá Pioneira. Os procedimentos metodológicos visam atender ao objetivo proposto, proporcionando uma compreensão abrangente da memória urbana na cidade de Marabá-PA. A expressão da memória urbana em Marabá se revela de forma dinâmica e diversificada. As histórias compartilhadas e lembranças transmitidas pelos residentes formam um cenário de experiências, as quais são fundamentais para a compreensão da história local. Construções e monumentos desempenham papéis tangíveis como testemunhas dessas transformações, evidenciando as transformações da comunidade e das diversas influências que a moldaram, representando pontos de ancoragem das memórias dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Geografia-Histórica; Memória espacial urbana; Ancoragem; Marabá Pioneira; Marabá-PA.



## ABSTRACT

The present research purpose was analyzing the spatiality of Marabá Pioneira urban city core, located in the city of Marabá/PA, highlighting elements that refer to "urban memory" of the city, also using a geographic-historical approach to understand spatial transformations over time in Marabá/PA. The methodology used look for understanding the interactions between history events and the city's geographic space configuration. The procedures adopted as part of the methodological structure include data collection, literature's analysis and discussion, field research, semi-structured interviews, photographs in public collections comparative analysis and the mapping of spatial objects in the Marabá Pioneira core. The methodological procedure aims to meet the proposed objective, providing a comprehensive understanding of Marabá/PA urban memory, which its expression is revealed in a dynamic and diverse way, the stories passed through, and memories transmitted by residents shapes a scenario of experiences, which are fundamental to understanding local history. Buildings and monuments play tangible roles as witnesses of these transformations, highlighting the transformations of the community and the various influences that shaped it, representing anchor points of the subjects' memories.

**Keywords:** Historical-Geography; urban spatial memory; anchoring; Marabá Pioneira; Marabá/PA.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar las espacialidades en el núcleo urbano de Marabá Pioneira, ubicado en la ciudad de Marabá-PA, sureste de este estado, destacando elementos que hacen referencia a la "memoria urbana" de la

 Hugo Hage Serra<sup>a</sup>  
 Monique Eduarda Santos  
Silva<sup>b</sup>

<sup>a</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Marabá, PA, Brasil

<sup>b</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Marabá, PA, Brasil

DOI: 10.12957/geouerj.2024.82619

Correspondência: hugorhserra@gmail.com

Recebido em: 07 mar. 2024

Revisado em: 04 nov. 2024

Aceito em: 20 dez. 2024

<sup>1</sup> Essa expressão é tipicamente utilizada pelos moradores mais antigos de Marabá para designar pertencimento à cidade ou a um modo de vida muito ligado ao ritmo de relações sociais constituídas em torno do rio Tocantins. No entanto, nos últimos 40 anos, essa expressão ganhou uma relevância ligada a uma suposta defesa de território e de costumes diferentes daqueles praticados pelos moradores mais antigos, simbolizada com o uso de uma caveira entrelaçada em duas armas. A proposta deste trabalho faz alusão à primeira referência e não a mais recente.



ciudad y utilizando el enfoque geográfico-histórico para comprender las transformaciones espaciales a lo largo del tiempo en Marabá-PA. Este enfoque se utiliza para comprender las interacciones entre los acontecimientos históricos y la configuración del espacio geográfico de la ciudad. Los procedimientos adoptados como parte de la estructura metodológica incluyen levantamiento, análisis y discusión bibliográfica, trabajo de campo, entrevistas semiestructuradas, análisis comparativo de fotografías de colecciones públicas y mapeo de objetos espaciales en el núcleo Marabá Pioneira. El procedimiento metodológico pretende cumplir el objetivo propuesto, proporcionando una comprensión integral de la memoria urbana en la ciudad de Marabá-PA. La expresión de la memoria urbana en Marabá se revela de manera dinámica y diversa. Las historias compartidas y los recuerdos transmitidos por los residentes configuran un escenario de experiencias fundamentales para comprender la historia local. Os edificios y monumentos desempeñan papeles tangibles como testigos de estas transformaciones, destacando las transformaciones de la comunidad y las diversas influencias que la moldearon, representando puntos de anclaje para las memorias de los sujetos.

**Palabras-clave:** Geografía-Histórica; memoria espacial urbana; anclaje; Marabá Pioneira; Marabá- PA.



## INTRODUÇÃO

Retomar o passado como condição da compreensão do tempo presente tem sido uma atividade cercada de contradições sociais, as quais espelham motivações, bem como interesses que ora se cruzam de forma convergente, ora se repelem, criando assim uma tessitura espacial<sup>2</sup> (RAFFESTIN, 1993) complexa e não menos assertiva quando o assunto é a memória dos lugares. Ante ao império da globalização, em que, conforme Santos (2000), está entrelaçado com visões de mundo distintas, a retomada da memória dos lugares aponta para a necessidade de compreensão do presente, sobretudo quando há um confronto entre aqueles que exercem uma ‘política dos de baixo’ (os pobres) e aqueles que são representantes de uma política institucional (regularmente representado na figura do Estado).

Ao se partir da relação cidade-urbano, especialmente no contexto da modernização, sobretudo aquela em que o contexto da globalização se dá, observa-se uma maior apreciação do novo/moderno. Essa tendência destaca a valorização da ideia de progresso e de futuro, muitas vezes resultando na negação do passado. Tal predisposição é influenciada pelo conjunto de ideias apresentadas na sociedade, especialmente na brasileira, em que a prioridade é dada ao que é considerado inovador. Como desdobramento dessa mentalidade, ocorre uma tendência à negação do “antes” e de seus vestígios materiais.

Na cidade de Marabá, localizada no sudeste do estado do Pará, o testemunho das mudanças notáveis no que confere a sua formação urbana é refletido no próprio espaço urbano da cidade, às vezes sendo de ‘fácil’ identificação pelas chamadas rugosidades espaciais<sup>3</sup> (SANTOS, 1997), às vezes pelos processos de invasão-sucessão espacial<sup>4</sup> (CORRÊA, 1989), o que requer um olhar diferenciado do observador. Uma cidade que historicamente foi marcada por uma exploração de recursos naturais passou por transformações significativas que moldaram não apenas sua paisagem física, mas também as dinâmicas: sociais, políticas e, não menos importantes, as culturais.

A partir do que foi exposto e considerando a influência do passado na formação da memória espacial, parte-se de um questionamento central, balizador para este trabalho: diante das transformações urbanas e sociais históricas ocorridas em Marabá-PA, como se manifesta a memória

---

<sup>2</sup> Para Raffestin (1993), tessitura espacial possui relação com o tipo de produção territorial ensejada pelos agentes que compõem o território. À medida em que a tessitura se amplia, o território ganha complexidade devido à organização das relações sociais também ser mais complexa, criando nós (pontos centrais) ou até mesmo redes.

<sup>3</sup> Milton Santos explica o conceito de rugosidade espacial a partir da ideia central de ‘heranças do passado’ que permanecem no presente, podendo ou não – a depender do contexto – ter sua forma ou sua função espacial alterada.

<sup>4</sup> Para Roberto Lobato Corrêa, o processo de invasão-sucessão espacial está associado a questões residenciais, mesmo que também possam ocorrer em atividades comerciais e industriais. Assenta-se na ideia de que há uma mudança na ocupação de espaços feita por classes sociais diferentes, frequentemente feita por classes populares, alterando, por sua vez, o contingente populacional.



urbana na atual espacialização da cidade? O objetivo deste texto, por conseguinte, é analisar as espacialidades de Marabá<sup>5</sup> produzidas durante a formação urbana, que remetem à memória espacial urbana da cidade.

Sob uma perspectiva que considera a análise geográfica “como um prolongamento funcional da abordagem histórica” (MORAES, 2005, p. 21) ou, em outras palavras, ao se tomar a as articulações feitas entre a ciência geográfica e a História, a cidade de Marabá é tomada como objeto empírico se para compreender as transformações que nela se deram ao longo do tempo, explorando as interações entre eventos históricos e a configuração do espaço geográfico (SANTOS, 2000); ou seja, aqueles em que as ações humanas mudam ou transformam coisas em objetos. Essa abordagem permite uma análise mais profunda e contextualizada das transformações que ocorreram na cidade no espaço-tempo, ao se compreenderem as coisas se transformando em objetos, ganhando novas características.

Como forma de acrescentar valor argumentativo à proposta metodológica aqui utilizada alguns procedimentos foram necessários: entrevistas semi-estruturadas com moradores antigos e representativos da história de Marabá foram analisadas à luz da abordagem geográfico-histórica, a fim de identificar melhor a compreensão desses sujeitos no que se refere à memória espacial urbana de Marabá, o uso de fotografias comparativas (pretéritas e atuais), bem como o uso de uma cartografia temática a partir da escala do urbano para se saber a disposição espacial dos objetos que remontam à memória espacial de Marabá e que foram fundamentais na composição do quadro investigativo.

Para melhor organizar o texto ora apresentado, organiza-se a estrutura deste trabalho em três momentos, cada um deles desempenhando um papel específico na análise da cidade de Marabá, porém, todos eles, integrados: a primeira parte faz uma breve retomada dos conceitos balisadores da abordagem teórica que abrange a Geografia Histórica Urbana, e que fornece uma perspectiva da inter-relação espaço-tempo, através dos conceitos-chave que abrangem essas duas ciências, a Geografia e História, como os conceitos de espaço, de tempo e de lugar. A segunda parte resgata e, ao mesmo tempo, relaciona a cidade de Marabá com sua formação histórica urbana, numa tentativa de marcar seu passado dependente das águas (cidade ribeirinha), bem como seu passado transmutado pelos grandes eventos históricos da Amazônia, ampliando-se o horizonte de transformações urbano-regionais da cidade. Por fim, a terceira parte – à exceção das considerações finais – é dedicada à análise das

---

<sup>5</sup> Dada o contingenciamento deste trabalho, consideram-se o núcleo urbano intitulado ‘Marabá Pioneira’ e sua transição com o bairro Francisco Coelho, popularmente chamado de ‘Cabelo Seco’, como área de recorte espacial. Justifica-se esta opção por haver, neste núcleo, o maior condensamento das transformações espaciais ocorridas em Marabá desde sua origem, os quais resultam em um entendimento mais complexo da formação urbana de Marabá.



memórias urbanas coletivas de Marabá. Este segmento representa uma abordagem qualitativa, na qual se busca compreender as nuances e as camadas subjacentes às experiências vividas pelos habitantes da cidade ao longo do tempo.

### **ENTRELAÇANDO ESPAÇO E TEMPO: fundamentos teóricos na Geografia Histórica**

Durante muito tempo, os levantamentos relativos às marcas do passado foram predominantemente assuntos abraçados pela área de estudo da História e da Antropologia. Entretanto, com o desenvolvimento e com o avanço do conhecimento científico, observou-se uma mudança no que se refere aos estudos de forma individualizada, culminando numa maior unificação entre as respectivas diretrizes do campo da pesquisa científica como um todo, a exemplo do que ocorreu na França e na Alemanha dos séculos XVIII e XIX (GODOY, 2013).

A Geografia – a área que nos interessa de perto neste trabalho, por exemplo, – esteve por um longo período interessada pelo estudo do presente e a História era responsável pelos estudos do passado (MORAES, 2005, CORRÊA, 2018). No entanto, cabe o questionamento de se saber se é possível uma ciência preocupada com os fenômenos sociais do espaço deixar de recorrer aos recortes temporais, tal como afirma Erthal (2003, p. 30): “os fenômenos sociais são, também, temporais”; ou seja, os acontecimentos ocorrem em um determinado lugar em um certo tempo, possibilitando um ininterrupto entrecruzamento.

A chamada Geografia Histórica surgiu da possibilidade do aporte temporal nos estudos geográficos, apesar de alguns autores como Brunhes e Cholley descreverem a Geografia como o estudo do presente, bem como diz Abreu (2000).

Moraes (2005) é outro autor que analisa, criticamente, a relação entre Geografia e História. Para ele, deve-se recusar, de um lado, a ideia de que a Geografia funcionaria como uma ciência que antecipa a História, no sentido de torná-la palco dos processos ou como simples localização das coisas. Por outro lado, o mesmo autor é enfático ao rechaçar a Geografia como história do presente, desencadeando, como corolário, uma simbiose entre as duas ciências e diferentes mediações metodológicas.

Neste trabalho, entende-se a questão do passado, do presente e do futuro não como partes exclusivas de uma determinada ciência, mas sim enquanto categorias eminentemente sociais (ABREU, 2000). Diante disso, é possível compreender que a integração da Geografia com ciências afins, como



é o caso da História, possibilita a construção de um saber permitindo que as questões sociais sejam investigadas não como um produto final, mas sim enquanto um processo que integra passado, presente e perspectivas de futuro. Posto isso, cabe também acrescentar, tal como Milton Santos, ainda na década de 1970, já havia confirmado – peremptoriamente – que o espaço é uma instância social (SANTOS, 1978), tal como a política, a cultura e a própria História, para citar alguns.

A ideia previamente mencionada também é mantida por Carneiro (2016) em seu artigo “Origens e evolução da Geografia Histórica”. Nesse artigo, o autor destaca que não é mais possível desconsiderar a abordagem temporal nas análises geográficas. Além disso, Milton Santos (1996), novamente, faz uma crítica semelhante ao afirmar que a questão do tempo não é mais um tabu na Geografia, mas sim “testemunha de uma certa frouxidão conceitual” (SANTOS, 1996, p. 30). Dessa forma, compreendemos que os geógrafos já reconhecem a importância do tempo nos estudos dessa ciência, ainda que com falhas. Para o caso em particular da Geografia Histórica, sobretudo no Brasil, essa abordagem ainda busca metodologias e teorias que provoquem o seu avanço enquanto campo científico.

É importante destacar que a integração da dimensão temporal na análise geográfica é fundamental para a compreensão das dinâmicas socioespaciais e das transformações históricas em uma determinada área. Através dessa perspectiva, é possível identificar as conexões entre o passado e presente, o que contribui para uma compreensão mais completa e aprofundada das realidades sociais e territoriais. Portanto, é crucial que a abordagem geo-histórica seja cada vez mais difundida e aplicada no campo da Geografia, a fim de que se possa construir uma análise mais crítica e contextualizada das dinâmicas socioespaciais.

Robin Burth (1987 apud CARNEIRO, 2016) ressalta que o desenvolvimento da Geografia Histórica acompanhou o da própria ciência geográfica. Um dos principais desafios enfrentados pelos estudiosos da Geografia Histórica estava na visão predominante dos historiadores, que compreendiam a Geografia como um pano de fundo para os acontecimentos históricos. É fundamental refletir sobre as razões por trás dessa perspectiva. Uma primeira questão a ser considerada é a forma como o conhecimento era produzido e organizado.

Historicamente, as disciplinas acadêmicas se desenvolveram de forma básica e compartimentalizada, de modo que o tempo era visto como o objeto principal da história, enquanto o espaço era considerado exclusivamente da Geografia. Nesse contexto, a atenção dos historiadores estava voltada quase que exclusivamente para o tempo, enquanto o espaço era visto como um mero



palco onde os fenômenos históricos ocorriam, apontando uma ideia de “ciência secundarizada”, quando tratada nas análises temporais. Essa visão, no entanto, demonstra uma separação artificial entre categorias que, na prática, são indissociáveis, especialmente quando se trata de fenômenos históricos. O espaço, a partir dessa compreensão, não é a esteira dos processos, mas também testemunha e condição fundamental para a ocorrência dos eventos históricos.

Colucci e Souto (2011) consideram que o espaço geográfico é o conceito-chave da ciência geográfica, sendo, ainda, condição para a existência humana. Por sua vez, há diferentes vertentes que compõem o espaço, entre elas, a própria História, resultando em: memórias, concretizações, pausa, movimento, destruição, reconstrução de hábitos, costumes, crenças e vivências, que se alteram ou permanecem de geração para geração de acordo com o interesse de cada uma.

Como corolário, o ‘lugar’ se torna primordial, pois, ao estudar o passado, estamos nos referindo a uma porção específica do espaço geográfico, que possui significado e se diferencia dos demais pelas suas características singulares. De acordo com Tuan (1983, p. 4), o lugar é um “centro ao qual atribuímos valor” e, para Bartoly (2012, p. 73), “o lugar é produzido a partir da afetividade, da sensação de pertencimento”. Esses valores conceituais nos ajudam a compreender como a Geografia Histórica se desenvolve no espaço, a partir da busca de referências identitárias, as quais são encontradas a partir da análise do lugar, através da materialização do tempo no espaço.

Schmidt e Mahfoud (1993) apontam que os lugares são marcados pela essência e pela identidade de um determinado grupo social, e, por sua vez, a presença desse grupo deixa marcas, evidenciando influências e contribuições para diferentes configurações e significados. Vale ressaltar também, que um mesmo lugar pode ter representatividades diferentes, pois isso depende de como as relações se estabeleceram para cada grupo. Santos (2005), nesse mesmo sentido, destaca que o lugar pode ser entendido como *locus* das paixões humanas, isso se deve ao fato da interação comunicativa, que desencadeia uma ampla gama de expressões espontâneas e criativas entre os mais diversos sujeitos.

Outros conceitos que também merecem atenção são o tempo e a temporalidade, já que estamos nos propondo a estudar uma Geografia Histórica. Para Ferreira (1998, p. 216), o tempo é uma dimensão espacial e as temporalidades são “qualidades intrínsecas dos espaços”. Com base nessa ideia, compreende-se que o tempo está diretamente atrelado aos processos espaciais na base de sua construção, e que, a temporalidade, em conjunto com a espacialidade, possibilita especificar um lugar a partir de sua caracterização, atribuindo-lhe um valor e/ou um significado próprio.



Outro autor que discute o conceito de tempo é Oliveira (1996). Para ele, o tempo é mais que apenas uma datação, apesar de esta ser importante, ele é capaz de consolidar a trajetória da existência humana no espaço. Logo, o tempo e a espacialidade se tornam ferramentas essenciais para compreender como os processos espaciais se desenvolvem, principalmente no passado, uma vez que:

Por meio da combinação do espaço com o tempo e das relações entre homem e natureza, ela [a **espacialidade**] investiga o desenvolvimento e as mudanças do ambiente geográfico no passado, as causas dessas modificações, suas consequências e as regularidades correspondentes. Ela renova os laços antigos entre História e Geografia, seja para o benefício mútuo ou ainda para promover uma reassimilação revigorante na Geografia e na História como um todo (CARNEIRO, 2018, p. 9, grifo nosso).

Com base nesse entendimento, a Geografia Histórica é uma reconstrução e uma análise de traços ou características de um tempo pretérito, pois cada sociedade possui elementos que as diferenciam ou até mesmo as assemelham a outras. Cabe a nós também nos atentarmos para o fato de que não basta apenas apontar o período e/ou o evento para haver uma relação espaço-tempo, mas é necessário “articular e compreender a contextualização de tal processo espacial em determinado recorte histórico”, como nos afirma Rodrigues (2015, p. 251). A análise espaço-tempo não pode ser “simplista”, sendo entendida como uma relação qualquer entre conceitos de campos diferentes, mas sim enquanto conceitos analíticos da sociedade que fazem parte do mundo real, uma vez que a sociedade se realiza em uma base material, a qual é constituída por um espaço, um tempo e uma materialidade (SANTOS, 1996).

Considerando a importância de compreender a complexidade e a natureza multifacetada do passado, não se pode restringir a análise dos estudos de Geografia Histórica à mera identificação de formas e configurações geográficas pretéritas. Isso se deve ao fato de que os vestígios deixados pelo passado foram resultados de uma construção social e política que, por sua vez, não permaneceram isentas de intencionalidades. Além disso, é fundamental considerar não apenas a materialidade dos objetos, a exemplo dos monumentos históricos, mas também os aspectos imateriais, tais como as práticas, costumes, ações e as memórias, que compõem as características históricas e geográficas de uma determinada região.

No Brasil, esse campo científico ainda não teve uma consolidação em uma Escola, diferente de países como Estados Unidos e Canadá. Esses países da América do Norte conseguiram tal feito “pela qualidade dos seus quadros profissionais e da produção teórica e empírica” (CARNEIRO, 2016, p. 60). No entanto, no Brasil, apesar de contar com estudiosos reconhecidos internacionalmente, prevaleceram estudos de caso com pouca ênfase em revisão e produção teórica e metodológica (CARNEIRO, 2016).





No que se refere à Geografia Histórica brasileira, Maurício de Abreu destaca que:

A Geografia brasileira em seu processo de construção acadêmica exacerbou a “ditadura do presente”, e o resultado disso foi que inúmeras questões importantes sobre o passado deixaram de ser feitas, pois não eram de interesse dos historiadores e nem os geógrafos as formulavam (ABREU, 2000, p. 18).

Abreu (2000) propõe a utilização de dois grandes eixos para estudar o espaço colonial fluminense dos séculos XVI e XVII. O primeiro eixo se refere ao desenvolvimento social de apropriação e de formação desse lugar, enquanto o segundo eixo parte das formas que foram originadas ou transformadas pelos processos. Além disso, o autor destaca a importância da descrição e da narração como instrumentos necessários para essa abordagem. Enquanto a descrição é a forma direta de relatar os fenômenos, a narração auxilia na interpretação dos eventos marcados por um espaço-tempo, seus sujeitos e sua contextualização. Para a análise e para a interpretação dos dados, Abreu (2000) também sugere a utilização de métodos dedutivos – exposição ordenada dos fatos e dos argumentos para se chegar a uma conclusão – e indutivos – que partem da experiência sensível e dos dados singulares.

A Geografia Histórica, como qualquer outra área de estudo, enfrenta desafios e requer cuidados especiais na pesquisa. Maurício de Abreu destaca, ainda, que uma das principais restrições dos estudos históricos está relacionada à análise simplista das formas, sem considerar seus conteúdos e seus contextos. Isso significa que muitos estudos se limitam a identificar a morfologia do passado sem levar em conta as singularidades e suas relações com o espaço e com o tempo em que se desenvolveram. Uma abordagem simplista resulta em pesquisas que não exploram o potencial de encontros e de desencontros dos eventos históricos e, conseqüentemente, não conseguem oferecer uma compreensão mais aprofundada do passado. Com base na mesma ideia, Alves (2011), destaca que uma Geografia do passado significa a reconstrução da espacialidade de uma sociedade situada em outro tempo.

No que diz respeito à cidade, Abreu (1998) a entende como um espaço de vivências não homogêneas, constituídos de aderências que ligam os indivíduos uns aos outros, famílias e grupos sociais que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, dando-lhes assim ancoragem no próprio espaço. Esse é o sentido que permite que a vivência na cidade dê origem a inúmeras memórias coletivas, as quais tendem a ser distintas uma das outras, tendo como ponto em comum a mesma cidade.

A perspectiva de Abreu (1998) converge para o conceito de Halbwachs (2003) sobre a “memória coletiva”, que representa uma lembrança viva, “ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 2003, p. 102). Compreende-se que a memória coletiva oferece uma oportunidade de dar voz aos sujeitos que contribuíram para a vivência na cidade, incluindo tanto



aqueles lembrados nos escritos da época quanto aqueles cujas histórias podem ter sido negligenciadas. Cabe ressaltar, ainda, que não se trata de sobreposição de memórias individuais, mas sim enquanto uma reconstrução do passado e de seus acontecimentos, que não obedecem a uma lógica cartesiana da memória, pois, tal como lembra Lowenthal (1998 apud ARRUDA; GONZAGA, 2022, p. 27): “nós precisamos das lembranças de outras pessoas para confirmar as nossas e dar continuidade a elas”.

Esse percurso intelectual permite uma interpretação do passado, ou melhor, de uma Geografia Histórica com propriedades amazônicas, as quais possuem particularidades que ora se cruzam, ora mostram singularidades regionais que fazem da memória espacial um conceito *ad continuum*.

### **MARABÁ NA AMAZÔNIA: particularidades regionais na composição da memória espacial urbana**

A força do lugar, de fato, está na relação íntima entre as pessoas e o espaço imediato. Tal assertiva já fora encontrada em trabalhos de diferentes perspectivas, não necessariamente partindo de um mesmo prisma epistemológico, são exemplos os trabalhos de: Dardel (2011), Holzer (2003), Tuan (1980) e Santos (1997, 2005). Todavia, não há como encarar o lugar de forma a isolá-lo de seu contexto regional (e até mesmo mundial) a depender de como as escalas humanas se cruzam e se materializam no local. O caso de Marabá não foge à regra conceitual em questão. Permite-se, de outro modo, o peso que a região amazônica tem dado a essa cidade ao longo de sua formação urbana, que, na realidade, acaba sendo uma formação urbano-regional, na qual uma variedade amazônica se impôs ao longo do tempo, marcando a pluralidade dos padrões de ocupação espacial da qual falara Porto-Gonçalves (2000).

Ainda, ao se apropriar das ideias de Porto-Gonçalves (2000), Marabá é uma das cidades que começaram em um padrão espacial da qual o autor chama de ‘rio-várzea-floresta’ e mudou – de forma imperiosa – para um padrão ‘estrada – terra firme – subsolo’. Há, desta forma, um comportamento ou ritmo socioespacial que mudou Marabá, sobretudo a partir da segunda metade do século XX.

Inicialmente, a cidade de Marabá teve sua origem como um burgo agrícola, que se estabeleceu às margens do rio Itacaiúnas, ainda no século XIX (VELHO, 1972). Tal assentamento tinha como finalidade subsidiar a economia da borracha na região amazônica por meio da produção de gêneros alimentícios. A organização espacial do burgo era baseada na relação homem-natureza, estando intimamente ligada à rede dendrítica local e caracterizada pela lógica do valor de uso. Essa era uma



realidade muito comum na Amazônia antes do processo de modernização regional que fora feito pelo Estado brasileiro no período da Ditadura Militar (EMMI, 1999).

Com o avanço da exploração do látex na região no final do último quarto do século XIX, o burgo agrícola originalmente estabelecido às margens do rio Itacaiúnas foi deslocado para a confluência dos rios Tocantins e Itacaiúnas devido à sua maior adequação para o transporte e para o comércio do produto. De acordo com Ribeiro (2010), um dos principais motivos para a fundação da cidade de Marabá e a subsequente fixação de pessoas foi a presença de atividades comerciais relacionadas à extração do látex, as quais contribuíram significativamente para o desenvolvimento da cidade, assim como para a ampliação demográfica.

No período em que a economia do caucho<sup>6</sup> fora predominante em Marabá, esta atividade econômica se desenvolveu rapidamente. No entanto, devido à sua forma insustentável de extração – que envolvia o corte de árvores e à queda nos preços do mercado global – a produção do látex entrou em declínio, causando um despovoamento da pequena cidade que se formara. Para manter sua economia, a cidade precisava de uma nova atividade que pudesse subsidiar sua produção, e assim a economia da castanha-do-pará, que antes era secundária, tornou-se a principal fonte de renda:

Quando se verificou a desvalorização da borracha a crise foi profunda, o “Burgo do Itacaiúnas” teria, certamente, se transformado em “tapera”, não fosse a exploração de um outro produto de origem vegetal, que cada vez mais se valoriza, e desde então vem se desempenhando papel de capital importância na vida cidade – a castanha-do-pará (DIAS, 1958, p. 418).

A cidade de Marabá se configurou através de várias fases econômicas: primeiramente o caucho, depois da castanha, tendo a exploração dos cristais de rocha explorados em momentos de estiagem dos rios da região, uma atividade concomitante à exploração da castanha. Posteriormente, houve a região foi marcada pela fronteira agrícola e pela exploração mineral. Após a crise da borracha na Amazônia, o pequeno sítio que se localizava às margens dos rios, necessitava de outra atividade econômica para permanecer enquanto conglomerado urbano, e é neste contexto que “a castanha apareceu como um componente importante da economia amazônica” (EMMI, 2002, p. 4).

Inicialmente, as cidades de Manaus, Itacoatiara, Óbidos e Alenquer eram as principais produtoras de castanha-do-Pará. Porém, em 1927, Marabá se tornou um importante centro produtor de castanha, o que coincidiu com o período de maior produtividade na região do Tocantins (EMMI, 2002). A

---

<sup>6</sup> A referência à atividade do "caucho" destaca a importância histórica da exploração de borracha na Amazônia. O termo "caucho" é comumente associado a essa era, caracterizada pela exploração intensiva da seringueira para a produção de borracha, que teve um impacto significativo na história socioeconômica da Amazônia.



castanha, que até então era uma atividade secundária durante o ciclo da borracha, passou a ter uma centralidade econômica significativa na região e, em virtude disso, começou a se organizar e a se desenvolver em função dos interesses dessa economia.

Apesar da mudança na atividade econômica – agora voltada para a produção da castanha – algumas práticas e ações originárias da fase da borracha persistiram em Marabá. Dentre elas, destaca-se o aviamento, que consistia em trocas desiguais de produtos, tais como castanhas por: alimentos, ferramentas, medicamentos, roupas e outros itens básicos para o trabalhador. Uma das consequências desse tipo de financiamento era o endividamento do trabalhador na mata. Além disso, uma segunda estrutura que também persistiu foi a circulação de pessoas e de mercadorias através da rede dendrítica, explicada, dentre outros aspectos, pela localização geográfica de Marabá, situada na confluência dos rios Tocantins e Itacaiúnas (DIAS, 1958).

Naquela época, os trabalhadores envolvidos na extração e no beneficiamento da castanha eram comumente referidos como “castanheiros”<sup>7</sup>. No contexto regional da atividade extrativista da castanha, os castanheiros foram importantes agentes na modelagem do espaço urbano em Marabá e, por conseguinte, foram aqueles que mais deixaram marcas, rastros, vestígios e memórias na cidade. Autores como Dias (1958) e Ribeiro (2010) ressaltam que a compreensão do desenvolvimento de Marabá requer uma análise contextualizada, pois as atividades econômicas empreendidas na cidade estavam intrinsecamente ligadas à dinâmica extrativista da Amazônia, especialmente na região do baixo Tocantins.

As atividades comerciais experimentaram um aumento considerável durante o período de safra, coincidindo com o período de chuvas e das cheias dos rios, bem como possibilitou um maior volume de transações comerciais com as regiões de sertão goiano e maranhense, “transformando Marabá no principal empório comercial do médio Tocantins” (EMMI, 2002, p. 8). Ainda segundo Emmi (2002), a produção de castanhas em Marabá não foi o único fator que chamou atenção na região, uma vez que houve a formação de grupos locais que detinham o monopólio do poder por décadas, conhecidos como Oligarquias Castanheiras. Esses grupos controlavam as áreas de extração, transporte e comercialização da castanha, gerando “um poder de monopólio econômico e político que moldou o perfil das elites regionais do sudeste do Pará” (BARREIROS *et al.*, 2017, p. 16).

---

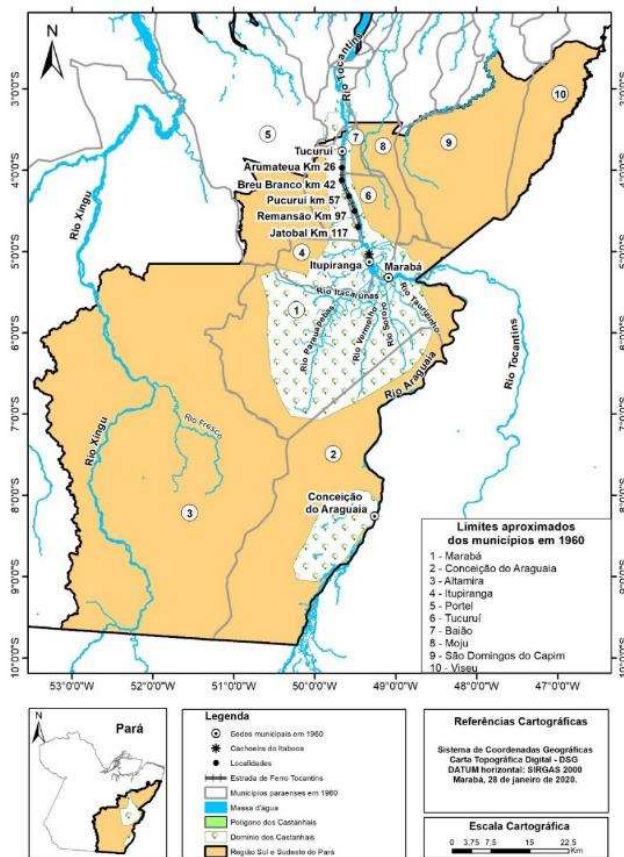
<sup>7</sup> Para Almeida (2015), o termo “castanheiro” é bastante amplo e utilizado para designar não apenas o trabalhador que realizava a extração e beneficiamento das castanhas, mas também o proprietário das áreas de cultivo e o intermediário que negociava a compra e venda do produto.

É nesse contexto que todo o desenvolvimento econômico advindo da castanha faz com que Marabá desponte como um importante núcleo regional e detentor de um certo poder de controle de fluxos não somente econômicos, mas (dentro de sua particularidade amazônica) também de um controle político por parte dos comerciantes da castanha, o que resultou em uma dada reconfiguração regional a partir de Marabá. Tal fato remonta à ideia que Haesbaert (1988) havia afirmado para a região na condição de conceito:

[...] podemos partir da concepção de *região* como um espaço (não institucionalizado como o Estado-nação) de identidade ideológico-cultural e representatividade política, articulado em função de interesses específicos, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco “regional” de classe que nele reconhece sua base territorial de reprodução (HAESBAERT, 1988, p. 25).

Serra e Sabino (2021), ao discutirem a cartografia da formação territorial do Sul e do Sudeste do Pará, apontam para o crescimento e para a consolidação da extração da castanha como marcas consistentes de um tipo de economia que extrapola – em um curto período – a dimensão do lugar, reposicionando Marabá na divisão territorial do trabalho em uma escala amazônica. Esses mesmos autores cartografaram – de forma aproximada – a extensão da extração da castanha, evidenciando, por sua vez, a escala regional desse fenômeno:

**Mapa 1.** Espacialização das áreas de castanha no Sul e no Sudeste do Pará.



Fonte: Serra e Sabino, 2021.



Não sem menos, a extração da castanha fez com que Marabá crescesse em forma de surtos econômicos, tal como Jacobs (1969) já havia afirmado em outro momento, algo que, conforme reforça o mapa 1, extrapola a condição de um desenvolvimento situado exclusivamente nos limites da cidade de Marabá. Uma das consequências para a cidade de Marabá foi a gradual mudança na paisagem. A população passou a se estabelecer cada vez mais nos espaços da cidade, o que pode ser ilustrado pela substituição dos materiais de construção das residências e outras edificações, antes de barro e palha, por tijolos e telhas (DIAS, 1958). Essa mudança na paisagem urbana de Marabá foi influenciada pelo surgimento de outras atividades, tais como a construção da usina a vapor, a transferência da comarca para Marabá, o desenvolvimento de atividades pecuárias e o fortalecimento da produção agrícola.

Outro fenômeno de ordem regional com forte repercussão no espaço urbano de Marabá está relacionado às enchentes do núcleo Marabá Pioneira. Com as cheias periódicas dos rios Tocantins e Itacaiúnas, a realidade urbana de Marabá foi moldada de acordo com o regime das águas. Segundo Dias (1958), as enchentes são um elemento crucial na formação da cidade de Marabá. Para a autora, essa instabilidade é uma marca histórica do povoado, e que as enchentes tiveram um papel importante nas fases de melhoria da cidade. Um exemplo disso foi a “enchente de 1926 que destruiu completamente Marabá e forçou a sua reconstrução” (DIAS, 1958, p. 393). A foto 1 mostra – de forma exemplificada – como o cotidiano das pessoas era alterado:

**Figura 1.** Enchente de 1996.



Fonte: Arquivo Fundação Casa da Cultura, 2023.

Os acontecimentos do passado, sejam eles motivados por forças naturais, a exemplo das enchentes, ou, de outra forma, pela força econômica – mesmo que materializada sem sua devida horizontalização social – tal como como foi a extração da castanha em Marabá formam um arcabouço de conhecimento empírico transmitido de geração para outra geração por meio da memória, seja ela



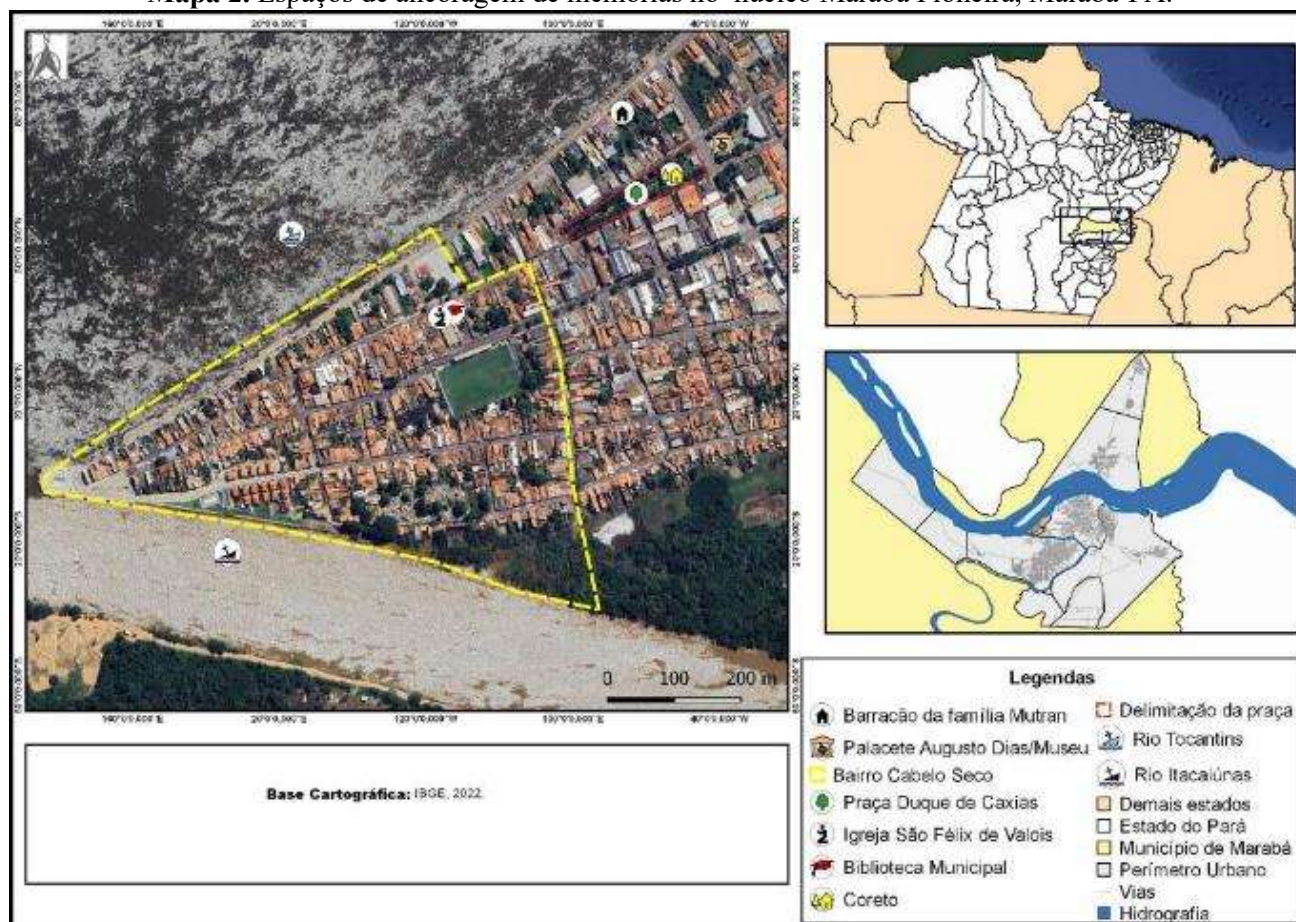
tomada do ponto de vista individual ou coletivo. O contato constante dos moradores de Marabá com os acontecimentos desenrolados na esteira das grandes transformações regionais lhes renderam formas específicas de registros espaciais, os quais se revelam em formas espaciais urbanas ou são contados por narrativas peculiares.

## MEMÓRIA ESPACIAL URBANA DE MARABÁ

É importante deixar claro que, ao tratar do aspecto “localização”, como o primeiro na análise que aqui estamos pretendendo, não significa inserir uma ordem taxonômica na memória urbana de Marabá. De outra forma, os aspectos considerados levam em conta o *modus operandi* aqui apresentado e sua relação com a análise e importância geográfica que os fatos foram materializados no espaço urbano dessa cidade.

Cabe ainda, diante das questões factuais em tela, lembrar o que Gomes (2013) menciona sobre o que ele chama de ‘ponto de vista’, o qual, em sua acepção, acaba projetando no espaço uma seleção espacial por meio de recortes escolhidos pelo observador. Tais observações isolam, em um primeiro momento, o fragmento do espaço observado, o que, por seu turno, compara-o com os demais não valorizados de acordo com a perspectiva de quem observa. É nesse momento, então, que a dialética espacial dos objetos e das coisas do espaço urbano de Marabá – tomados aqui como nossos objetos empíricos – ganham vida, sobretudo quando tratamos a memória urbana como condição, meio e resultado dos processos histórico-espaciais.

O *mapa 2* evidencia os pontos tratados neste trabalho que refletem a identificação dos objetos da memória espacial urbana de Marabá. No mapa, observam-se os objetos representativos da memória urbana espacial de Marabá. Ao focar nos espaços de ancoragem de memórias em Marabá, o mapa proporciona uma representação visual que não apenas localiza os pontos na cidade, mas também evidencia a disposição relativa entre eles. A proximidade ou distância entre esses objetos na representação cartográfica oferece uma percepção clara sobre a configuração urbana e a interconexão simbólica desses locais na construção da memória coletiva local. Da mesma forma, a importância dos rios Itacaiunas e Tocantins deve ser destacada, visto que eles não estão dispostos apenas por sua topografia e geomorfologia fluvial. Acrescenta-se a esses elementos a conexão dos espaços de memória com a influência das águas tão necessárias na organização espacial de Marabá, bem como nas temporalidades típicas do passado anterior ao padrão estrada-terra firme-subsolo.

**Mapa 2.** Espaços de ancoragem de memórias no núcleo Marabá Pioneira, Marabá-PA.

Fonte: IBGE, 2002.

Toma-se a inauguração das rodovias em Marabá como um marco significativo de sua história, caracterizando um ponto de inflexão que ajudou a alterar o curso de desenvolvimento dessa cidade. Tal transformação pode ser atribuída às circunstâncias de Marabá, desde sua fundação até a implementação das rodovias, terem sido estruturalmente condicionadas por uma rede dendrítica de conectividade limitada<sup>8</sup> (CORRÊA, 1989) e, conseqüentemente, de relativo isolamento em relação a outras localidades urbanas.

A Transamazônica – projeto de infraestrutura rodoviária executado pelo governo federal na década de 1970 – foi um dos principais símbolos de modernização do território, algo que também representou desafios quanto às pautas ambientais e agrárias. Sendo os rios ressignificados, sua

<sup>8</sup> A ideia de conectividade limitada se refere à restrição na capacidade de comunicação e troca de informações entre diferentes áreas geográficas. Isso pode ocorrer devido a diversos fatores como infraestrutura de comunicação subdesenvolvida ou barreiras geográficas. A conectividade limitada pode impactar: níveis de acesso a serviços essenciais, a troca de conhecimento e o desenvolvimento econômico em regiões isoladas.





importância foi sendo forjada em outra dimensão, a da memória, algo que se tornou, ao mesmo tempo, representativo de uma Marabá de tempos pretéritos. É importante notar, todavia, que a fluidez de pessoas, de mercadorias e de ideias feitas pelos rios foi reduzida ao longo dos anos, sem haver sua nulidade. O quadro 1 é uma síntese de como alguns entrevistados tomam a dinâmica dos rios como essencial na composição da memória, ao mesmo tempo que necessária na configuração espacial da cidade:

**Quadro 1.** Importância dos rios para a cidade.

Usos dos rios	Datas	Trecho da entrevista
Lazer	Entrevista realizada dia 15/06/2023	“A nossa praia tinha muita areia, e tinha dunas, e tudo isso acabou. Todo ano colocamos nossa barraca na praia, e essa tinha mais seixo do que areia. Outra coisa, a água do itacaiunas era mais limpa que a do Tocantins, e hoje tá muita barrenta” (Representante do movimento de mulheres negras do bairro Cabelo Seco, setor mais antigo do núcleo Marabá Pioneira).
Subsistência	Entrevista realizada dia 29/06/2023	“Os rios, tanto Tocantins como itacaiúnas, são muito importantes para nós, através dos rios chegou aqui o nosso fundador Francisco Coelho. Mais os rios são tão importantes porque além do pescado, geram emprego através da extração de areia e seixo, apesar que isso dá problema” (Vereador da Câmara Municipal de Marabá).
Lazer e transporte	Entrevista realizada dia 11/07/2023	“Além da fonte inesgotável de lazer proporcionada pelos rios, a praia do Tucunaré é nosso grande ponto turístico e ainda considerando a importância da navegação para Marabá, por muito tempo nosso único meio de ir e vir” (Atual secretário de Governo Regional do Pará).
Subsistência	Entrevista realizada dia 07/08/2023	“O rio tem muito peixe, muito tipo de peixe, esquece até os nomes e as quantidades”. (Pescador e um dos moradores mais antigos do bairro Cabelo Seco).
Transporte	Entrevista realizada dia 08/08/2023	“A memória mais marcante em relação aos rios era o transporte da castanha do Pará. Os rios itacaiunas e tocantins com seus afluentes, drenavam a castanha das áreas sudeste do Pará, que eram municípios de Marabá” (Médico descendente da Família Bichara, uma das famílias mais antigas de Marabá).
Economia e lazer	Entrevista realizada dia 23/08/2023	“A importância do rio Tocantins e a garimpagem de diamantes para nossa estruturação econômica e nossa história. Esse rio além de ter importância na área do lazer, qual garoto daquele tempo e até de hoje que não mergulha nesse rio, tomando banho” (Vice-prefeito de Marabá em 1973).

Organização: os autores.



Os entrevistados – pessoas que possuem representatividade histórica, política e, sobretudo, simbólica em Marabá, pertencem a classes sociais distintas, unidos, entretanto, pela mesma motivação: o reconhecimento da centralidade dos rios em suas diferentes formas de reprodução do lugar. Cada um expõe a forma como os rios Itacaiúnas e Tocantins interfere em seus respectivos cotidianos, lembrando muito o que Lefebvre (1991) havia dito sobre ‘pluralidade de sentidos’ e, de forma indireta, no que Le Goff (1998), havia mencionado sobre o poder que marcos e símbolos materiais (e intangíveis) possuem no conhecimento da cidade.

Demais espaços da cidade de Marabá ganham aqui a alcunha de espaços de ancoragem da memória espacial urbana. Por eles, os processos de rugosidade espacial são fundamentais na tomada do conhecimento dos espaços *per se*, bem como da história de Marabá. Um desses locais é o Palacete Augusto Dias. Inicialmente denominado de Palacete do Governo, tinha como objetivo central servir como sede do poder administrativo da cidade. Em 1970, o edifício passou por sua primeira e significativa fase de reforço estrutural. Nesse período, as instâncias executiva, judiciária e legislativa, que então ocupavam o edifício, foram temporariamente realocadas para outros espaços. Após uma ampla reforma concluída em meados de 1976, apenas a Câmara Municipal e a prefeitura retornaram ao palacete, uma vez que as demais entidades alegaram insuficiência de espaço para acomodar todos os órgãos de maneira adequada. Esse pequeno relato mostra como o prédio resiste a funções distintas em diferentes contextos.

As fotos 2,3 e 4, evidenciam contextos diferentes, mantendo-se a estrutura do prédio inalterada, sendo que a última foto – sendo a mais atual – define, por ora, a ideia do que o Palacete Augusto Dias deve ser para a cidade de Marabá: um espaço de memórias, visto que ele se torna um Museu em que fragmentos da formação regional estão presentes, dando-se destaque para Marabá:

**Figura 2.** Palacete Augusto Dias (década de 1960), período castanheiro.



Fonte: Arquivo Fundação Casa da Cultura, 2023.

**Figura 3.** Palacete Augusto Dias (década de 1990), período de intenso abandono.



Fonte: Arquivo Fundação Casa da Cultura, 2023.

**Figura 4.** Palacete Augusto Dias (2023), na condição de Museu Municipal Francisco Coelho.



Fonte: Autores, 2023.

A representatividade do Palacete Augusto Dias também é notada na memória das pessoas:

**Quadro 2.** Memórias especializadas no Palacete Augusto Dias.

Importância	Data	Trecho da entrevista
Palacete Augusto Dias enquanto memória que remete aos poderes	Entrevista ocorrida no dia	“O prédio que hoje é o museu de Marabá, ali funcionava a Câmara Municipal de Marabá, foi a prefeitura de Marabá, foi o fórum de Marabá. Então hoje é um museu, então o palacete Augusto Dias, que tem o nome de



administrativos da cidade.	11/07/2023	um ex -prefeito de Marabá, para mim é o grande monumento” (Atual secretário de Governo Regional do Pará).
Memória enquanto um dos primeiros edifícios construídos na cidade	Entrevista ocorrida no dia 08/08/2023	“O monumento mais importante da cidade, no meu ponto de vista, é o que foi construído em 1936, que hoje é o museu municipal” (Médico descendente de família libanesa tradicional na cidade).
Memória da trajetória do Palacete ao longo dos anos.	Entrevista ocorrida no dia 22/08/2023	“O espaço ou monumento pode ser considerado o mais importante em Marabá, é Palacete Augusto Dias que já foi usado como Prefeitura, Câmara Municipal, Cartório Eleitoral, Posto de Vacinação e agora Museu” (Morador antigo da cidade de Marabá).
Memória da trajetória do Palacete ao longo dos anos.	Entrevista ocorrida no dia 23/08/2023	“Inaugurado em 1939 pouco depois da morte do interventor Dias, foi construído com o propósito de servir como sede os poderes executivo, legislativo e judiciário.. Em 1993 o prédio abrigava somente o Legislativo Municipal, foi tombado como patrimônio do município. O edifício continha características de estilo neoclássico ecletismo e do estilo neocolonial dominante no Pará, na época de construção do Palacete. Hoje em dia o lugar funciona como um museu.” (Vice-prefeito de Marabá em 1973).

Elaboração: Os autores.

Conforme evidenciado no Quadro 2, os indivíduos fazem referência às mudanças que transcorreram no Palacete Augusto Dias ao longo do tempo, desde sua origem até os dias atuais. Dentre as narrativas de memórias compartilhadas, um elemento que invariavelmente permanece nos registros dos entrevistados é a função do edifício como sede das instituições administrativas. Este aspecto ressalta a relevância política e social que o Palacete detém na história da cidade, o que acabou se perfigurando como símbolo de memória coletiva.

Se, por um lado, o Palacete Augusto se mostrou uma marca espacial – de cunho político-cultural – resistente às diversas fases da formação urbana de Marabá, outros dois espaços de ancoragem merecem destaque no que se refere ao conceito de memória espacial urbana: o Mercado Municipal e a Igreja de São Félix do Valois. As fotos 5, 6, 7 e 8 são representativas desses espaços em contextos diferentes:

**Figura 5.** Mercado Municipal em 1930.



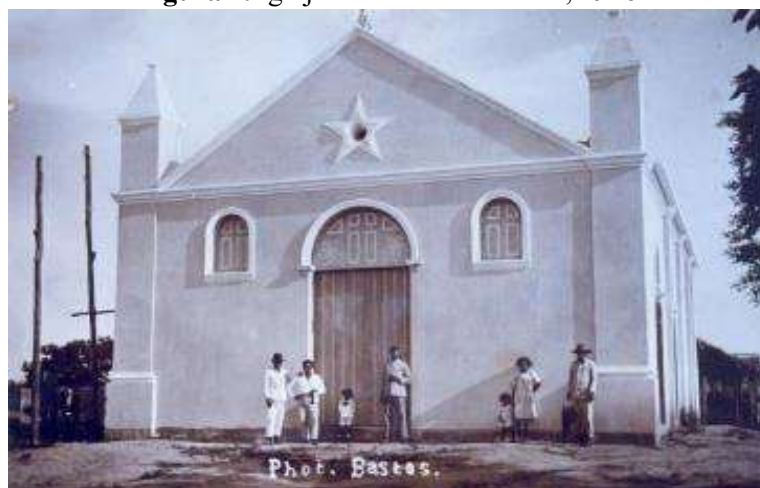
Fonte: Arquivo Fundação Casa da Cultura, 2023.

**Figura 6.** Atual Biblioteca Municipal Orlando Lobo, antigo Mercado Municipal.



Fonte: Autores, 2023.

**Figura 7.** Igreja São Félix de Valois, 1926.



Fonte: Arquivo Fundação Casa da Cultura, 2023.

**Figura 8.** Atual Igreja São Félix de Valois.



Fonte: Arquivo Fundação Casa da Cultura, 2023.

Tomados a partir de uma perspectiva em que a dimensão histórica se entrelaça com a dimensão espacial e deixa registros nos lugares, as fotos anteriormente apresentadas são evidências de como a pertinência do comércio local e da religiosidade ora persistem no tempo e no espaço, ora não. O mercado (fotos 5 e 6) era um importante espaço das trocas comerciais de produtos imediatos e necessários para a sobrevivência na cidade de tempos pretéritos; por sua vez, a igreja (fotos 7 e 8) continuou com sua mesma função social e com poucas alterações na forma espacial, preservando sua força simbólico-reigiosa, bem como cultural ao ponto de se estabelecer como um significativo monumento de ancoragem espacial da memória coletiva marabaense.

Não menos importantes, elementos intangíveis à materialidade espacial fazem parte do coletivo de coisas que integram a memória espacial urbana de Marabá, a exemplo das práticas e hábitos folclórico-culturais reconhecidos historicamente. O ‘cordão de pássaros’, a lenda da boiúna (cobra que habitaria o fundo dos leitos dos rios Itacaiúnas e Tocantins), assim como a festa dos Santos Reis formam o arcabouço de lembranças e vivências passadas, as quais, pelo peso da modernidade e pela influência de ritmos musicais empoderados pela força da informação global, só são registrados quando se resgatam narrativas de moradores antigos, ora como forma de reafirmação do valor do passado ora como resistência aos novos costumes:

um cordão de pássaro, que veio para cá nos anos 30, em Belém eles fazem diferente, mas pra ca ele tem uma saga, ele é um folclore muito rico, na saga japonesa e a saga amazônica. Na saga japonesa, conta a história de um pássaro que era de estimação de um camponês, e o rei estava muito enfermo, e quando esse pássaro chegava na janela, e ele olhava o pássaro cantar, e se sentia melhor. Então ali ele disse que queria esse



pássaro. Na saga amazônica, tem a história do cangaceiro que mata o pássaro, ou a mulher grávida que sentia vontade de comer o passado, e depois a cura que vem do pássaro (Entrevista realizada com antigo morador considerado mestre em cultura popular de Marabá em 20 de julho de 2023).

De forma resumida, o rouxinol é um cordão de pássaro curandeiro presente na cidade desde a década de 1930, mas que se esvaiu com os anos. Em 2020, houve uma tentativa de resgate dessas práticas por parte de seus moradores antigos, como forma de reafirmação cultural de modos e de representatividades culturais de um tempo mais lento (SANTOS, 1997).

Elementos tangíveis, bem como intangíveis estão no bojo do que Choay (2006) afirma ser o patrimônio histórico de um lugar, visto que ele se destina ao “usufruto de uma comunidade” (CHOAY, 2006, p. 11), algo ligado ao *savoir-faire* das pessoas, mesmo que, ainda segundo a mesma autora, os assim considerados ‘concertos patrimoniais’ não deixem de apresentar dissonâncias. Eis, portanto, que, ao se observar as mudanças na paisagem e, de forma mais profunda, no espaço urbano de Marabá os testemunhos não se restringem aos aspectos físicos (de conotação palpável), mas também das nuances da transformação cultural e social da cidade. Essas mudanças, intrinsecamente ligadas à estrutura regional, revelam uma interação complexa entre o desenvolvimento urbano e a identidade local, destacando a importância de compreender Marabá não apenas como um ponto no mapa, mas como um reflexo dinâmico das relações entre a cidade, sua história e o ambiente que a cerca.

## CONCLUSÕES

A memória é uma prática eminentemente social. Por este motivo, ela pode ser compartilhada de forma coletiva, algo que se percebe quando tratamos – de forma analítica – o conceito de memória espacial urbana. Ainda que este conceito não contenha o mesmo lastro do que simplesmente é em sua origem – memória – ele encontra, na Geografia, uma forma de ratificar as coisas que estão no campo da imaginação, algo que, costumeiramente os geógrafos chamam de ‘materialização’.

A própria memória, neste trabalho, parte da vivência do lugar e da região, temática esta que pôde ser constatada ao se estudar os ‘contornos pretéritos de Marabá’ ou, popularmente ‘Velha Marabá’. Por sua vez, a experiência apresentada neste trabalho levou a uma relação intrínseca entre a memória e o espaço, destacando-se a importância de considerar não apenas os eventos históricos, mas também as histórias cotidianas das pessoas que habitam e dão vida a esses lugares. A memória espacial urbana, assim, transcende a mera lembrança de fatos; ela abrange as emoções, as práticas culturais e as



mudanças sociais que se entrelaçam com o ambiente. A Velha Marabá, nestes termos, foi testemunha e, ao mesmo tempo, condição para que a memória espacial urbana pudesse ganhar contornos espaciais.

Conforme o que foi apresentado, constata-se que, mesmo diante do avanço da modernidade – guardada em devidas proporções para o caso da Amazônia – o Núcleo Velha Marabá, em especial o bairro ‘Cabelo Seco’, como os próprios moradores assim o chamam, segue sendo um espaço de resistência em que a dimensão imaterial dessa instância da sociedade, tal como já havia afirmado Santos (1996), torna-se o principal arcabouço empírico da memória espacial urbana dessa localidade. Isso ainda nos leva a afirmar que a memória não faz sua correlação direta com o espaço, sem prescindir do tempo, visto que essa categoria de análise é a que se sobressai nos relatos de pessoas-chave (as pessoas que tiveram vivência em fases antigas de Marabá ou que foram influenciadas diretamente por aquelas).

Outro ponto que representa a ideia de memória espacial urbana tem a ver com a própria paisagem, mesmo que ela tenha sofrido diversas alterações requalificando o conceito de rugosidade espacial. Isso se percebe nos espaços de vivência do Cabelo Seco, bem como nos poucos espaços tombados pela prefeitura de Marabá que representam um importante acervo patrimonial como o Palacete Augusto Dias e a Biblioteca Municipal Orlando Lobo. Da mesma forma, não se pode olvidar das histórias que fazem parte da vivência dos sujeitos como elementos representativos, os quais dão emoção e conectam as gerações. No caso de Marabá, quando falamos das práticas e das ações que são ainda hábitos praticados pelos moradores antigos, como a lenda do Boiuna, ilustram de maneira clara como a memória coletiva e urbana se manifesta na cidade, confirmando o que Abreu (1998) destacou ao dizer que memória coletiva é uma memória viva, evidenciando sua vitalidade ao persistir nas lembranças daqueles que a testemunharam e, além disso, ao ser transmitido às gerações como parte integrante do patrimônio cultural e identitário da comunidade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício. A memória da cidade. *Revista da Faculdade de Letras — Geografia, Porto*, I série, Vol. XIV, p. 77-97, 1998.

\_\_\_\_\_. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. *GEOUSP - Espaço e tempo (on-line)*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 13-25, 2000.

ALMEIDA, José. Do extrativismo à domesticação: as possibilidades da castanha-do-pará. 2015. 304 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,





Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:  
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-05082015-141612/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

ALVES, Vitor. A Geografia Histórica como campo de pesquisas: definições, tensões e metodologias. *Cidades*, [s. l.], v. 8, n. 14, p. 623-643, 2011.

ARRUDA, Douglas. GONZAGA, Caroline. Identidade nacional e memória coletiva: aproximações possíveis. *Revista Vernáculo*, Niterói, n. 50, p. 9-33, 2022.

BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do lugar na Geografia. *GEOgraphia*, Niterói, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2012.

BARREIROS, Rogger; ANDRADE, Renata; FERNANDES, Danilo; AMARAL, Graciele. A transição histórica das oligarquias da castanha na região de Marabá: redes sociais, hegemonia e transformações no bloco de poder das elites locais entre os anos de 1920 e 1980. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 12.; CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DAS EMPRESAS, 13, 2017, Niterói. Anais [...]. Niterói: ABPHE, 2017. p. 1-34.

CARNEIRO, Patrício. Origens e evolução da Geografia Histórica. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Três Lagoas*, v. 1, n. 23, p. 42-65, nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Questões teóricas e metodológicas da Geografia Histórica. *Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, Belo Horizonte, v. 10, 2018. Disponível em:  
<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/3166>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CORRÊA, Roberto. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Caminhos paralelos e entrecruzados. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

COLUCCI, Danielle; SOUTO, Magno. Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. *Geografia*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 114-127, 2011.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 4ª ed. São Paulo: Editora Unesp/ Estação Liberdade, 2006.

DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, Catharina. Marabá – centro comercial da castanha. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 384-427, 1958.

EMMI, Marília. A oligarquia dos Tocantins e o domínio dos castanhais. 2ª ed. Belém: UFPA/Naea, 1999.

\_\_\_\_\_. Os castanhais do Tocantins e a indústria extrativa no Pará até a década de 60. *Papers do Naea*, Belém, v. 1, n. 1, p. 1-25, 2002.



ERTHAL, Rui. Geografia histórica - considerações. *GEOgraphia*, Niterói, ano V, n. 9, p. 29-39, 2003.

FERREIRA, Maria. O espaço-tempo e a geohistória. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, n. 12, p. 215-227, 1998.

GODOY, Paulo. A geografia histórica e as formas de apreensão do tempo. *Terra Brasilis*, nº 2, 2013, p. 1-9.

GOMES, Paulo. O lugar do olhar: elementos para uma Geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988 (série Documenta, 25).

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2003.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia humanista: uma contribuição para a Geografia Contemporânea. *GEOgraphia*, Niterói, nº 10, vol. V, p. 113-123, 2003.

IBGE. Divisões territoriais e administrativas. Rio de Janeiro: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2022. Disponível em <https://ces.ibge.gov.br/base-dados/metadados.html>.

JACOBS, Jane. *The economy of cities*. New York: Random House, 1969.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Unesp, 1998.

MORAES, Antonio. *Território e História no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Espaço e tempo: compreensão materialista e dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Rovaine. *As cidades médias e reestruturação da rede urbana amazônica: a experiência de Marabá no sudeste paraense*. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Glauco. Geografia histórica e ativismos sociais. *GeoTextos*, Salvador, v. 11, n. 1, p. 241-268, jul. 2015.



SANTOS, Milton. Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço habitado. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005.

SCHMIDT, Maria; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. Psicologia, São Paulo, n. 4, p. 285-298, 1993.

SERRA, Hugo; SABINO, Thiago. Cartografias da formação territorial do Sul e Sudeste do Pará. Confins, Paris, n. 49, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/35731>. Acesso em: 10 nov. 2023.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

\_\_\_\_\_. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VELHO, Otávio. Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração uma área da Transamazônica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.